ISSN 25946412

ACOLHIMENTO E INTEGRAÇÃO: UMA AÇÃO EXTENSIONISTA COM OS ESTUDANTES INTERNACIONAIS NA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ

ANA PAULA GONÇALVES ALCÂNTARA ALVES
pllanaceceisa123@gmail.com
Universidade do Vale do Itajaí

CARLOS HENRIQUE JURAZEKI JUNIOR
ra128507@uem.br
Universidade do Vale do Itajaí

STHEFANYE AKEMI SHIRAISHI OKIDA
ra128336@uem.br
Universidade do Vale do Itajaí

REGIANE CRISTINA DE SOUZA FUKUI
rcsouza@uem.br
Universidade do Vale do Itajaí

RESUMO

As migrações contemporâneas têm reverberado diversos outros fenômenos, seja no campo do trabalho, das instituições de ensino fundamental e, seguramente, no âmbito das universidades. Assim, como uma resposta à demanda social existente, este relato de experiência refere-se às ações desenvolvidas em um projeto de extensão, cujo principal objetivo foi acolher e integrar todos aqueles que estão nos espaços da Universidade e que não nasceram no Brasil. A ausência de referências sociais, por vezes, se configura como um dos elementos que fomentam os sofrimentos no contexto da experiência humana. Acrescenta-se a esta hipótese os percalços advindos dos deslocamentos, e de tudo que dele é proveniente: o não se reconhecer em um espaço que supostamente não propicia a dinâmica do pertencimento. Assim, foram desenvolvidos dez encontros entre os extensionistas (docente e discentes) e os participantes do projeto (estudantes internacionais), oferecendo um espaço de escuta e acolhimento para os estudantes internacionais. A epistemologia qualitativa foi o método utilizado e os procedimentos foram diversos: rodas de conversa, dinâmicas de grupo, atividades extramuros à Universidade. Constituiu-se de referenciais teóricos situados no bojo da Psicologia Social em diálogos com autores que versam sobre migrações e acolhimento em contexto universitário. Quanto aos resultados, foram analisados e apresentados considerando três eixos específicos que corroboraram com os objetivos dos encontros desenvolvidos. Denota-se que esta ação apresentou relevância social – pois permitiu um espaço (concreto e simbólico) de (re)construção afetiva.

PALAVRAS-CHAVE: Acolhimento. Diversidade cultural. Estudantes internacionais.

ISSN 25946412

RECEPTION AND INTEGRATION: an extension action with international students at the State University of Maringá

ABSTRACT
Contemporary migrations have reverberated across various other phenomena, whether in the field of labor, primary education institutions, and certainly within universities. Thus, as a response to existing social demands, this experience report refers to the actions developed in an extension project, whose main objective was to welcome and integrate all those who are within the University spaces and who were not born in Brazil. The absence of social references often emerges as one of the elements that foster suffering in the context of human experience. Added to this hypothesis are the setbacks arising from displacement and everything that comes with it: not recognizing oneself in a space that supposedly does not foster a sense of belonging. Accordingly, ten meetings were held between the faculty member and the students participating in the extension project, offering a space for listening and welcoming international students. A qualitative epistemology was the method adopted, and various procedures were employed: conversation circles, group dynamics, and activities conducted outside the University premises. Theoretical references were drawn from Social Psychology, in dialogue with authors who address migration and reception in the university context. As for the results, they were analyzed and presented based on three specific axes which corroborated the objectives of the meetings held. This initiative demonstrated social relevance, as it provided a (concrete and symbolic) space for affection and (re)construction.

KEYWORDS: Reception. Cultural diversity. International students.

ACOGIDA E INTEGRACIÓN: una acción extensionista con estudiantes internacionales en la Universidad Estatal de Maringá

RESUMEN
Las migraciones contemporáneas han reverberado en diversos otros fenómenos, ya sea en el ámbito laboral, en las instituciones de educación básica y, sin duda, en el contexto universitario. Así, como respuesta a la demanda social existente, este relato de experiencia se refiere a las acciones desarrolladas en un proyecto de extensión, cuyo principal objetivo fue acoger e integrar a todas aquellas personas que se encuentran en los espacios de la Universidad y que no nacieron en Brasil. La ausencia de referentes sociales, en ocasiones, se configura como uno de los elementos que fomentan los sufrimientos en el contexto de la experiencia humana. A esta hipótesis se suman los obstáculos derivados de los desplazamientos y de todo lo que estos implican: no reconocerse en un espacio que, supuestamente, no propicia una dinámica de pertenencia. En este sentido, se realizaron diez encuentros entre el docente y los estudiantes participantes del proyecto de extensión, ofreciendo un espacio de escucha y acogida para los estudiantes internacionales. La epistemología cualitativa fue el método utilizado y se aplicaron diversos procedimientos: círculos de conversación, dinámicas de grupo y actividades extramuros de la Universidad. Se utilizaron referencias teóricas situadas en el campo de la Psicología Social, en diálogo con autores que abordan las migraciones y la acogida en el contexto universitario. En cuanto a los resultados, fueron analizados y presentados considerando tres ejes específicos que corroboraron los objetivos de los encuentros desarrollados. Esta acción presentó relevancia social, ya que permitió un espacio (concreto y simbólico) de (re)construcción afectiva.

PALABRAS CLAVE: Acogida. Diversidad cultural. Estudiantes internacionales.

ISSN 25946412

1 INTRODUÇÃO

Sabe-se que as migrações no Brasil não são eventos recentes. Ao contrário, este fenômeno está imbricado em nossa história, ao reverberar em uma multiplicidade de cores, sabores e culturas. Desde o ano de 2010, porém, devido às crises em países como Haiti e Venezuela (OBMIGRA, 2020), o estado do Paraná[1] tem recebido intensos fluxos migratórios. Nesse cenário, a normativa institucional (Universidade Estadual de Maringá, 2024), em conjunto com os convênios internacionais, tem viabilizado o ingresso e a permanência de migrantes na universidade. Tais diretrizes garantem o suporte psicossocial, mediante articulação entre o Sistema Único de Saúde (SUS) e o Sistema Único de Assistência Social (SUAS), e a segurança alimentar via gratuidade no restaurante universitário. Destaca-se, ainda, o Programa de Estudantes-Convênio de Graduação (PEC-G), responsável pelo ingresso semestral de estudantes internacionais que, ao depararem-se com uma nova cultura e o desconhecimento da instituição, encontram-se, por vezes, em situação de fragilidade emocional. Frente a esse cenário, apresentaremos parte de um trabalho realizado em uma ação extensionista, fruto de um projeto de extensão intitulado "A inserção do imigrante em território maringaense".

Criado no ano de 2016, o projeto foi desenvolvido no Departamento de Geografia (DGE) da Universidade Estadual de Maringá (UEM-PR), com participação inicial de docentes e discentes da Geografia. Com o tempo, ampliou-se para os cursos e os programas de pós-graduação vinculados a outras áreas do conhecimento: a Psicologia, as Letras, a Enfermagem, a Administração e as Artes Visuais, além de integrantes da sociedade civil e ONGs cujas ações versam a temática das migrações. A ação específica "Acolhimento e Integração", por sua vez, iniciada em 2020, tem como objetivo receber e integrar pessoas discentes, não brasileiras, na UEM; seja na graduação, na pós-graduação ou no curso de Português como Língua Adicional (PLA), independentemente do motivo de sua chegada ao Brasil. Nos anos de 2020 e 2021, essa ação foi conduzida por uma docente e discentes de Psicologia, ampliando-se, em 2022 e 2023, com a participação de outros cursos.

Para este relato, estabeleceu-se um recorte temporal restrito às atividades de 2024, sob a condução de uma docente e três estudantes de Psicologia. A ação visou integrar estudantes

[1] Desde o ano de 2017, o Paraná é considerado o estado que mais tem recebido pessoas migrantes (Carvalho, 2025).

ISSN 25946412

internacionais à rotina acadêmica e à cultura regional, à medida que se fortaleciam os vínculos entre essas pessoas com o novo território. Os encontros realizados constituíram-se como importantes espaços de convivência e trocas de experiências subjetivas e culturais.

2 MÉTODO E PROCEDIMENTOS

Sob a forma de relato de experiência, o presente trabalho adota uma abordagem qualitativa, consoante ao método construtivo-interpretativo. Desse modo, objetiva "conhecer a variável de estudo" (Piovesan; Temporini, 1995, p. 321), apresentada a partir de técnicas interpretativas que visam traduzir os sentidos e os significados construídos socialmente. Parte-se também da Epistemologia Qualitativa de González Rey (2005), que valoriza o processo relacional e as construções geradas a partir dele.

A pesquisa bibliográfica foi utilizada para embasar e ampliar as observações realizadas, ao fornecer suporte teórico que validasse ou trouxesse novas perspectivas aos fenômenos identificados. A partir das leituras acerca dos fluxos migratórios e de trabalhos semelhantes a este, realizados por outras instituições, somadas às observações realizadas em campo, este relato abrange dez encontros realizados no primeiro semestre de 2024. O grupo foi composto por 22 estudantes internacionais (17 homens e 5 mulheres), com idades entre 18 e 42 anos, vinculados a cursos de graduação e pós-graduação da Universidade Estadual de Maringá (UEM). O público assistido incluiu discentes do Sul Asiático, Europa e América do Norte, embora a maioria dos estudantes fosse oriunda de países africanos (Nigéria, Gana, Gabão) e latino-americanos (Cuba, México, Jamaica). Nesse direcionamento, destaca-se que foram os estudantes pretos e pardos, oriundos desse segundo grupo, que mais buscaram acolhimento e relataram dificuldades cotidianas que vão além do aprendizado do português como nova língua. São elas: o racismo em âmbito universitário; a exploração e o aumento da obstaculização na busca por moradias, comparadas às vivências de estudantes nascidos em outras localidades; e as dificuldades em se deslocar pela cidade, devido a questões financeiras.

Quanto aos procedimentos, foram realizados dez encontros entre a equipe extensionista e os estudantes internacionais. A periodicidade, inicialmente semanal, tornou-se quinzenal após a sexta sessão, ao levar-se em consideração as solicitações do próprio grupo. As intervenções visaram à integração institucional, ao fornecer informações essenciais sobre o funcionamento da biblioteca, restaurante universitário e demais espaços acadêmicos.

ISSN 25946412

Além das atividades no campus, foram promovidas ações extramuros, como itinerários culturais pelo município de Maringá e visitas a parques locais. As estratégias metodológicas basearam-se em rodas de conversa, dinâmicas de grupo e exposições dialogadas. Ao longo desses encontros, ressalta-se que o fluxo de participação foi flutuante, com uma variação de quatro a quinze discentes conforme as demandas espontâneas, totalizando um alcance estimado de vinte e cinco estudantes ao longo do semestre

No que tange à análise, três eixos temáticos foram construídos. O primeiro deles, nomeado "Cultura: Diversidade, Memória e Saudade", abordou as manifestações culturais compartilhadas e exploradas nos encontros, ao considerar como os estudantes internacionais expressaram sua identidade cultural, ressignificaram suas memórias e lidaram com a saudade do país de origem. O segundo, intitulado "Os impactos do processo de territorialização dos migrantes", tece uma reflexão sobre as experiências de adaptação e pertencimento dos estudantes internacionais no novo contexto social, ao incluir os desafios de integração, as barreiras linguísticas, a mobilidade urbana e a criação de redes de apoio. O terceiro, por fim, nomeado "Os desdobramentos ao longo dos encontros e para além do projeto", volta-se à análise das conexões estabelecidas, ao verificar de que forma as interações ultrapassaram o espaço formal do projeto e impactaram a vivência cotidiana dos participantes.

Cada eixo foi desenvolvido com base na triangulação entre a experiência prática dos encontros, a literatura acadêmica e as análises construtivo-interpretativas, resultando em uma síntese crítica que permite uma compreensão mais ampla da função do projeto na experiência dos estudantes.

3 DESENVOLVIMENTO

3.1 CULTURA: DIVERSIDADE, MEMÓRIA E SAUDADE

Durante o terceiro encontro — considerando que os dois primeiros foram apresentações formais entre a Reitoria e os estudantes internacionais — foi realizada a dinâmica do *post-it*. Trata-se de uma atividade em que os participantes, com palavras escritas em *post-its* fixados na testa, formularam perguntas entre si com o objetivo de inferir o conteúdo do bilhete adesivo. O objetivo era apresentar de forma lúdica e promover a socialização entre os participantes do projeto, que vieram de diferentes países e não se conheciam. Nesse dia, foi

ISSN 25946412

registrada a presença de 12 alunos internacionais, além de seis membros vinculados ao Escritório de Cooperação Internacional (ECI) da universidade ou ao projeto.

O quarto encontro teve como temática central a Festa Junina. Além da apresentação de slides, foi coreografada uma quadrilha e realizada uma roda de conversa sobre as diferentes comemorações locais. Um estudante vindo de uma comunidade africana[2] (sic), compartilhou que havia uma festa similar à Junina em sua comunidade, na qual é comemorada a fartura das colheitas nos meses de junho e julho, mas de uma forma mais restrita, comparada à festividade brasileira. Além da cachaça e do rum, também é típico deste evento uma bebida alcoólica derivada do milho branco. Ademais, foi também dito que, no continente africano, a oralidade é um elemento bastante importante. As tradições e as histórias milenares são assim repassadas.

Dois estudantes ganeses e um nigeriano, por sua vez, apresentaram uma festividade denominada *Zangbeto*, que foi traduzida pelos estudantes para "Mascarada" – festividade com muitas comidas, danças e bebidas comumente celebrada em Benin, embora seja também vivenciada em outros países. Por meio de vídeos e fotos, eles apresentaram a figura central da celebração: o espírito *Zangbeto*. Trata-se de uma entidade espiritual coberta de palha, cuja presença é marcada por danças e movimentos giratórios. Segundo a tradição, porém, quando essa figura interrompe a dança e fixa o olhar em alguém, o costume é que se fuja imediatamente dela.

Nesse sentido, uma estudante da Jamaica relatou que o Carnaval, em seu país, abarcava os diversos países e ritmos caribenhos. Ela também pontuou as diferenças do evento entre Brasil e Jamaica, destacando que, no segundo, as danças e tradições são voltadas para o *reggae*, o *ska* e o *dancehall*, além de o período de celebração ser mais longo.

Para complementar a experiência e tornar a apresentação sobre a festa junina mais imersiva, foram levados alimentos típicos, de modo que todos os estudantes tivessem a oportunidade de experimentar um pouco da cultura gastronômica da celebração. Nesse sentido, observou-se que as práticas alimentares são essenciais para integrar a cultura. De acordo com Mintz (2001), a comida se liga diretamente à identidade social e ao sentido que os hábitos alimentares carregam na subjetividade de cada pessoa ou grupo social. A antropologia alimentar enfatiza que mesmo diante da grande diversidade social e cultural documentada, não há

[2] Este estudante relatou que a sua comunidade não fica situada dentro de um território nacional específico. Descreveu-nos como um pequeno vilarejo situado no Continente Africano, denominou sua comunidade como seu local de origem e estabeleceu uma relação de pertencimento em sua fala quando ele diz que "é de África"(sic).

ISSN 25946412

comportamento e prática mais atraente na formação de vínculo do que abordar costumes, origens, memórias e sentimentos referentes à comida (Mintz, 2001). Foi também por meio das similaridades entre esses pratos de diferentes culturas e contextos que o diálogo foi enriquecido. Um estudante do Gabão, por exemplo, apresentou o preparo de uma guloseima de seu país que ansiava por comer, conhecida como *Beignets* ou *Puff Puff* – alimento preparado pelas mulheres da família em celebrações especiais. Este prato é muito similar ao que no Brasil é conhecido como Bolinho de Chuva.

De acordo com Menezes e Almeida (2021), é pela aproximação entre a culinária, os preparativos e os contextos comemorativos que os indivíduos se situam em um local de acolhimento e de pertencimento, sobretudo. Por meio de atributos culturais, grupos populacionais fazem mediações com o mundo e constroem modos de vida particulares, significando e ressignificando a sua realidade (Alexsandra, 2024; Menezes; Almeida, 2021; Santos e Miranda, 2014).

Ao longo dos encontros, procurou-se também enfatizar aos estudantes a possibilidade de expressarem eventuais situações de sofrimento. Considerou-se, ainda, que a saudade pode emergir de um campo de idealização e de busca por reconhecimento daquilo que é familiar – como a nação, a cultura, a língua e a família. Reconheceu-se que a complexidade das diferenças enfrentadas no processo migratório pode desencadear sentimentos de não pertencimento e de estranhamento de si mesmo (Andrade e Teixeira, 2009). Os autores entendem esse processo como um estresse aculturativo, em que a adaptação a um novo contexto cultural, marcada por mudanças acumulativas e sentimentos como dúvida, ansiedade e tristeza, pode gerar impactos psicológicos negativos, especialmente na ausência de uma rede de apoio.

Para além de proporcionar uma rede de apoio ampla aos estudantes e promover os encontros que desenvolvessem vínculos entre eles e com o ambiente ao redor, a ação extensionista “Inserção do imigrante em território Maringaense” tomou uma proporção territorial-excursiva, a partir do momento em que os encontros ultrapassaram as salas de aula e se expandiram aos propósitos culturais de integração e de inclusão territorial.

3.2 IMPACTOS DO PROCESSO DE TERRITORIALIZAÇÃO DOS ESTUDANTES INTERNACIONAIS

ISSN 25946412

No âmbito da Geografia e da Antropologia, sobretudo, ao se compararem as definições de território e territorialização por distintos autores em diferentes períodos, evidenciam-se algumas sutilezas. O primeiro desses conceitos, segundo Souza (2000, p. 78), poderia ser compreendido como "um espaço definido e delimitado por e a partir de relações de poder", sendo o espaço, para o autor, um mero "substrato" (Souza, 2006, p. 319). Enquanto a ele se era atribuído "[...] um caráter completamente objetivo" (Souza, 2000 *apud* Sahr; Sahr, 2009, p. 147), as territorializações "[...] seriam subjetivações [...] que se definem pelo controle, pelo poder de interpretação e pela subsequente apropriação semiótica (atribuição de significado)".

De tal modo, compreende-se que essas conceituações, a partir do geógrafo brasileiro Marcelo Lopes de Souza, relacionavam-se ao poder. Ao desobjetificar o espaço geográfico e enfatizar o seu papel social, todavia, o grande nome da Geografia Crítica Brasileira, Milton Santos (2002, p. 84), propõe algo novo: "[...] o território deve ser considerado em suas divisões jurídico-políticas, suas heranças históricas e seu atual conteúdo econômico, financeiro, fiscal e normativo". À medida que ultrapassa as noções de poder e domínio, o conceito de territorialização aproxima-se, assim, de uma perspectiva social.

Além dessas definições, várias outras também foram desenhadas e redesenhadas por outros pesquisadores, tanto no Brasil quanto em outros países. Uma vez que o objetivo deste trabalho não se limita a uma imersão nas diferentes perspectivas construídas em torno do conceito de território, territorialização e territorialidade para a Geografia, a seguir, serão apresentadas algumas contribuições advindas da Psicologia, as quais, sob a perspectiva dos autores, podem ampliar e enriquecer a compreensão desses fenômenos.

Ao final do século XX, Gilles Deleuze e Félix Guattari também se debruçaram sobre a temática. Conforme Saraiva (2012, p. 25-26), o território, para os autores, "[...] é o espaço subjetivo vivido, é o lugar onde um sujeito se sente 'em casa'. Nesse direcionamento, pode ser compreendido enquanto "[...] o conjunto das representações, dos comportamentos, dos investimentos, nos tempos e nos espaços sociais, culturais, estéticos e cognitivos", continuam Rolnik e Guattari (2005 *apud* Saraiva, 2012, p. 25-26).

Sob essa perspectiva, compreende-se território não enquanto espaço geográfico fixo ou juridicamente delimitado, mas uma constelação de relações vividas e afetivas em constante mutação (Deleuze; Guattari, 1997). Na interface da teoria com a prática vivenciada pelos extensionistas e os estudantes internacionais, alguns apontamentos podem ser feitos. Dos dez encontros realizados, três deles podem ser destacados: o sexto, o sétimo e o oitavo.

ISSN 25946412

Respectivamente, a visita ao Museu Dinâmico e Interdisciplinar da Universidade Estadual de Maringá (MuDI-UEM), o *tour* pela Região Metropolitana Maringaense (RMM) e a visita ao Parque do Ingá – um dos mais conhecidos pontos turísticos do município.

Mais do que simples deslocamentos espaciais, essas atividades, sob o viés de Deleuze e Guattari (1997), configuram-se como processos de desterritorialização e reterritorialização – movimentos simultâneos e interdependentes, demarcados pela ruptura e a formação de novos territórios e, portanto, modos de significar e relacionar-se com o espaço. De tal modo, compreende-se que, a partir das visitas ao museu da universidade, às ruas da cidade e às trilhas do parque, cada experiência atua como produtora de afetos, o que permite não somente a reorganização de distintos referenciais, mas também a integração em um espaço ainda novo, não inteiramente conhecido. A própria universidade onde frequentavam, ora nas aulas de português, ora na graduação e nos programas de pós-graduação, ainda era uma novidade para eles. Dada essa circunstância, como os alunos já haviam estabelecido seus primeiros vínculos e formado pequenos grupos, os extensionistas optaram pela realização de encontros para além das paredes da sala de aula.

Para isso, o primeiro local escolhido foi o museu – um espaço colorido, dinâmico e interativo, bastante frequentado pela população local e regional. Nesse encontro, foi registrada a presença de nove estudantes. Foi perceptível o entusiasmo e o interesse em retornar ao local para conhecer setores que, no dia, foram descartados do roteiro, dado que, no horário estipulado, era insuficiente o número de monitores.

Cerca de um mês após essa visita, realizou-se o *tour* por Maringá: evento bastante aguardado pelo grupo. A espera se deu em razão da dificuldade de agendar uma visita guiada junto ao setor público responsável pelo turismo local, diante da alta demanda de solicitações. Apesar do intervalo entre as atividades, esse foi o dia que registrou a maior participação de estudantes, desde o terceiro encontro.

Durante o percurso, uma das paradas realizadas ocorreu no Parque do Ingá. O tempo de permanência no local foi breve, suficiente apenas para que os participantes pudessem descer do veículo, registrar o momento com uma fotografia e retornar ao trajeto. Durante essa pausa, ocorreu um episódio de cunho racista: um homem idoso dirigiu um comentário de teor racista a um dos membros da equipe do projeto, questionando, em tom sarcástico, se todos os estudantes presentes seriam africanos, desconsiderando, assim, a pluralidade étnica e cultural

ISSN 25946412

do continente e associando-a de forma reducionista à cor da pele dos discentes, majoritariamente pretos. O comentário foi prontamente rebatido por um membro do projeto.

O registro revela-se importante não apenas pelo episódio isolado, mas porque tal acontecimento expõe a persistência de atitudes discriminatórias, muitas vezes de caráter segregacionista, que ainda permeiam o cotidiano dessas pessoas, já afogadas por inúmeras dificuldades de adaptação em um novo país.

Realizou-se também, a pedido dos estudantes, uma visita ao Parque do Ingá. Durante o passeio, os discentes compartilharam curiosidades sobre os seus países de origem. Dentre elas, a possibilidade de andar entre leões em zoológicos do Senegal, nadar com golfinhos em aquários da Jamaica e caminhar com elefantes em parques do Gabão. Em outro momento, uma das alunas internacionais comentou com entusiasmo sobre a tradição esportiva de seu país nas corridas olímpicas, mencionando nomes como Usain Bolt, Yohan Blake e Shelly-Ann Fraser. Essas trocas reforçaram o caráter afetivo da atividade extensionista.

Essas últimas vivências, ainda que pontuais, podem ser compreendidas enquanto experiências produtoras de subjetividade, como propõe Rolnik (2006). Em conformidade com a autora, os encontros não apenas foram encarregados de uma territorialização no espaço físico — essencial, também, para uma maior integração na região —, mas também de uma mobilização de forças afetivas e políticas, reconfigurando modos de existência e pertencimento – elementos basais da estrutura do projeto extensionista.

3.3 OS DESDOBRAMENTOS AO LONGO DOS ENCONTROS E PARA ALÉM DO PROJETO

Ao longo dos encontros promovidos pelo projeto de extensão, foi possível observar que as interações entre os estudantes internacionais e a equipe organizadora ultrapassaram a barreira do espaço formal e contribuíram significativamente para a construção de vínculos. A participação ativa dos estudantes foi se intensificando progressivamente, resultando em dez encontros, tendo o último quase quatro horas de duração, devido ao entusiasmo coletivo. Nesse momento, os estudantes que não haviam conseguido apresentar seus países no encontro anterior (nono), o fizeram de forma contente e espontânea, revelando, além de sentimentos de pertencimento, o desejo de compartilhar suas culturas, em um movimento em que, consoante Rolnik (2006), os afetos que circulam entre os corpos potencializam a criação coletiva e o transbordamento dos espaços instituídos.

ISSN 25946412

Deste modo, confirma-se a hipótese de que os encontros tiveram impacto subjetivo e institucional relevante. Em diferentes ocasiões de reencontros entre os estudantes internacionais e os discentes extensionistas pelo campus sede, os primeiros manifestaram interesse em manter vínculos estabelecidos, compartilhando os bons resultados do Celpe-Bras (Certificado de Proficiência em Língua Portuguesa para Estrangeiros) com os discentes extensionistas. Um caso emblemático foi o de um estudante internacional que, após participar dos encontros enquanto cursava apenas o preparatório de português, solicitou transferência para a UEM, evidenciando o papel da extensão na promoção do sentimento de pertencimento institucional. Essa percepção é corroborada por Andrade e Teixeira (2009), que demonstram que a adaptação universitária de estudantes internacionais está diretamente associada às oportunidades de integração e apoio social.

Além disso, o reconhecimento do projeto por parte dos próprios estudantes participantes fomentou sua continuidade. No semestre seguinte, por recomendação dos alunos da primeira edição, uma nova turma demandou a realização dos encontros, que não estavam previstos. Essa reiteração do valor atribuído à experiência aponta para a eficácia do projeto enquanto estratégia de acolhimento cultural e afetivo. A literatura sobre imigração e identidade cultural, como enfatizam Ketzer *et al*. (2018), mostra que espaços de intercâmbio simbólico e narrativo são essenciais para o enfrentamento de barreiras linguísticas, culturais e institucionais enfrentadas por migrantes e estudantes em mobilidade acadêmica.

É possível compreender os efeitos do projeto também a partir da noção de territorialidade subjetiva (Saraiva, 2012), considerando que os espaços de encontro funcionaram como territórios afetivos nos quais os estudantes puderam experimentar segurança, visibilidade e escuta ativa. Santos (2002) já afirmava que o espaço é constituído não apenas por materialidades, mas por relações simbólicas e afetivas que o tornam habitável. Assim, os encontros não só facilitaram o acesso à informação ou à cultura local, mas criaram um "espaço vivido" (Lefebvre, *apud* Saraiva, 2012), no qual a experiência migratória foi ressignificada em chave de acolhimento.

Dessa forma, os desdobramentos do projeto vão além de suas ações pontuais, sinalizando a necessidade de institucionalização de práticas contínuas de acolhimento a estudantes internacionais. As articulações construídas ao longo do processo e a reverberação espontânea das experiências vividas sugerem que iniciativas como esta possuem potência formadora e transformadora, tanto para os sujeitos diretamente envolvidos quanto para a cultura

ISSN 25946412

universitária como um todo. Essa constatação destaca a importância de políticas institucionais voltadas ao bem-estar e à integração de estudantes em mobilidade, não apenas como suporte, mas como estratégia de internacionalização ética e inclusiva, alinhada ao que defende Perlin (2018), ao destacar a necessidade de políticas que promovam uma internacionalização comprometida com a equidade e a diversidade.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência relatada neste trabalho revela o quanto ações extensionistas abertas ao encontro com a alteridade podem ser potentes. No eixo das práticas extensionistas, foi possível perceber que a universidade pode ser muito mais do que um lugar de reprodução de saberes: pode se tornar um espaço de escuta, criação e construção de novos modos de se relacionar e de pertencer.

A interlocução com autores como Deleuze e Guattari (1997) permitiu compreender os processos abordados como movimentos de desterritorialização e reinvenção subjetiva, perspectiva enriquecida por Rolnik (2006), ao situar a subjetividade como sensível às forças do presente, e por Souza (2000), Santos (2002) e Menezes e Almeida (2021), ao ampliarem a noção de território como espaço vivido, politicamente construído e afetivamente marcado. No entanto, apesar dos avanços alcançados, o projeto enfrentou limitações significativas, como a ausência de financiamento público, que restringiu a frequência dos encontros e a oferta de recursos, além do tempo reduzido para execução das ações e da dificuldade de compatibilizar horários com as rotinas dos estudantes internacionais, revelando a urgência de maior apoio institucional e de políticas específicas que garantam a permanência qualificada desses estudantes.

Fica, portanto, o convite para que iniciativas semelhantes ampliem-se, tornem-se políticas públicas e fomentem novas pesquisas e práticas, orientadas por uma ética do acolhimento e pela valorização da presença imigrante como potência criadora de novas perspectivas.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, A. M. J.; TEIXEIRA, M. A. P. Adaptação à universidade de estudantes internacionais: um estudo com alunos de um programa de convênio. **Rev. Bras. Orientac. Prof.**, São Paulo, v. 10, n. 1, p. 33-44, jun. 2009.

ALEXSANDRA, N. Arte, migração e identidade: entre deslocamentos e pertencimentos. **Museu da Imigração USP**, 17 dez. 2024. Disponível em: https://museudaimigracao.org.br/blog/migracoes-

ISSN 25946412

em-debate/arte-migracao-e-identidade-entre-deslocamentos-e-pertencimentos. Acesso em: 21 mar. 2025.

CARVALHO, J. Paraná recebeu 377 mil migrantes de outros estados e países entre 2017 e 2022, segundo **IBGE**. Disponível em: https://cbncuritiba.com.br/materias/parana-recebeu-377 -mil-migrantes-de-outros-estados-e-paises-entre-2017-e-2022-segundo-ibge/. Acesso em: 1 jul. 2025.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil Platôs**: capitalismo e esquizofrenia. Tradução de Sérgio Telles. Rio de Janeiro: Editora 34, 1997.

GONZALÉZ-REY, F. L. **Pesquisa qualitativa em psicologia**: caminhos e desafios. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.

KETZER, L. S. H.; SALVAGNI, J.; OLTRAMATI, A. P.; MENEZES, D. B. Imigração, identidade e multiculturalismo nas organizações brasileiras. **Interações (Campo Grande)**, Campo Grande, v. 19, n. 3, p. 679-696, jul./set. 2018.

MENEZES, S. S. M.; ALMEIDA, M. G. Pamonha, alimento identitário e territorialidade. **Mercator**, Fortaleza, v. 20, 2021. Disponível em: https://www.scielo.br/j/mercator/a/QsQ363BDFXBKSq3nJ7mwGfw/?format=html&lang=pt. Acesso em: 21 mar. 2025.

MINTZ, S. Comida e antropologia: uma breve revisão. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 16, n. 47, out. 2001. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/tbHWcbmyDz8N59zqkZX7zsS. Acesso em: 21 mar. 2025.

OBMIGRA. **Relatório Anual 2020**. [*S. l.*]: Portal de Imigração Laboral, 2020. Disponível em: https://portaldeimigracao.mj.gov.br/images/dados/relatorioanual/2020/Resumo%20Executivo%20_Relat%C3%B3rio%20Anual.pdf. Acesso em: 11 jan. 2024.

PERLIN, A. P.; VESTENA, D.; DAMKE, L. I.; PATIAS, T. Z.; GOMES, C. M. Percepção e satisfação de estudantes estrangeiros em uma instituição de ensino pública. **Desenvolve: Revista de Gestão do Unilasalle,** Canoas, v. 7, n. 2, p. 37-51, 2018.

PIOVESAN, A.; TEMPORINI, E. R. Pesquisa exploratória: procedimento metodológico para o estudo de fatores humanos no campo da saúde pública. **Rev. Saúde Pública**, v. 29, n. 4, p. 318-325, 1995. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rsp/a/fF44L9rmXt8PVYLNvphJgTd/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 25 mar. 2025.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ. **Resolução n.º 020/2024-CEP, de 2 de julho de 2024**. Revoga a Resolução nº 026/2018-CEP. Disponível em: http://www.scs.uem.br/2024/cep/020cep2024.htm. Acesso em: 22 jul. 2025.

ROLNIK, S. **O lugar do outro**: a questão do acolhimento e da alteridade na experiência do estrangeiro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

SAHR, C. L. L.; SAHR, W. Territórios, faxinais, espaços: a problemática “espaço/território” na formação social brasileira. *In.:* SAQUET, M. A.; SPOSITO, E. S. (org.). **Territórios e territorialidades**: teorias, processos e conflitos. São Paulo: Expressão Popular, 2009. p. 143-173.

SANTOS, M. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. 4. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2002. p. 84.

ISSN 25946412

SANTOS, P. J.; MIRANDA, R. F. A percepção de estudantes universitários em relação à experiência de intercâmbio na Argentina. **Perspectivas em Psicologia**, Viçosa, v. 18, n. 2, p. 153-173, jul./dez. 2014.

SARAIVA, M. R. O. Territórios dos sentidos: da emergência dos processos de subjetivação na metrópole contemporânea. **Revista Espaço Acadêmico**, n. 132, ano 9, maio 2012.

SOUZA, M. L. **O espaço do poder**: política, território e poder no Brasil contemporâneo. São Paulo: Editora Hucitec, 2000.

SOUZA, M. L. **Território e territorialidade**: reflexões sobre a espacialidade e os movimentos sociais. São Paulo: Editora Hucitec, 2006.